

CONFEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE RELIGIOSOS

RUMO A UMA VIDA RELIGIOSA
Sinodal e Missionária



Apresentação

Unidas/os à Igreja universal, nos encontramos nesta terceira fase do processo sinodal. E acolhemos o convite a retomar temas específicos que nos permitem aprofundar e tomar decisões para incorporar o estilo de Jesus em nosso estilo de vida, em nossas práticas relacionais, em nossas opções missionárias, e em nossas formas de organização.

A sinodalidade não é um conceito abstrato. Ela permeia tudo: a vida, a missão, a qualidade das relações, o modo de entender a liderança, de viver a autoridade e a obediência. É por isso que consideramos necessário nos interrogarmos sinceramente e em profundidade como ser uma Vida Religiosa sinodal em missão?

Cinco aspectos são significativos para a Vida Religiosa na América Latina e no Caribe, no espírito da sinodalidade e na vivência da nossa consagração.

1. Missão e conversão pastoral
2. Obediência e modelos relacionais
3. Formação para a sinodalidade
4. Exercício da autoridade
5. Renovação das estruturas

Configurar a Vida Religiosa ao estilo de Jesus e no espírito da sinodalidade no leva a percorrer um itinerário de conversão, na convicção de que os processos de autêntica reforma se desenvolvem quando nos colocamos em relação com as outras pessoas e acolhemos o chamado à necessária conversão pessoal-atitudinal, institucional-estrutural.

Esta convicção animou a 49ª Junta Diretiva da CLAR, a Vida Religiosa da América Latina e do Caribe, a elaborar um Instrumento de Trabalho, fruto das contribuições das congregações, comunidades e religiosos e religiosas que expressaram suas contribuições à terceira fase do processo sinodal nas 22 Conferências Nacionais.

Numa dinâmica de oração e com o método da conversa no Espírito, cada uma das cinco provocações foi retomada, com o acompanhamento da Equipe de Assessores Teológicos da Presidência da CLAR (ETAP). O objetivo que tivemos foi o de enviar à Secretaria Geral do Sínodo os sentimentos da Vida Religiosa da América Latina e do Caribe, e sobretudo conseguir um contributo que seja alimento para o caminho da Vida Religiosa que peregrina neste continente.

A Vida Religiosa, na sua diversidade de carismas, está em constante caminho para a plenitude da sua vocação batismal, ao serviço do Santo Povo Fiel de Deus. Neste contexto, a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas apresenta-se como um espaço de encontro e de colaboração, onde são dinamizadas e partilhadas as práticas sinodais que definem a sua riqueza carismática. Através deste compromisso, procuramos discernir os sussurros do Espírito nos sinais dos tempos, promovendo uma missão centrada no cuidado da vida em todas as suas expressões.

Esta missão não é isenta de desafios. A Vida Religiosa reconhece as suas fragilidades e limitações, sobretudo no que respeita aos processos de autoconhecimento, de desenvolvimento humano e de crescimento espiritual. A incerteza face a situações como

o declínio das vocações, o impacto das tecnologias emergentes e a polarização na sociedade e na própria Igreja, levanta questões sobre a própria eficácia das suas práticas pastorais e formativas.

No atual contexto eclesial, a centralidade da escuta, do discernimento e da conversão surgem como caminhos indispensáveis para renovar a Vida Religiosa rumo a uma Igreja Sinodal em Missão. É preciso priorizar a abertura aos clamores do Espírito nos povos e nos territórios, bem como repensar e recriar os processos formativos que favoreçam a maturidade humana e cristã. A formação para a sinodalidade deve privilegiar a autonomia referenciada, o reconhecimento e a potencialização dos dons pessoais, bem como a integração da diversidade cultural e geracional.

O exercício da autoridade exige também uma profunda transformação, inspirada no modelo de Jesus como serviço e proximidade. A autoridade deve ser exercida num espírito de comunhão e participação, promovendo a corresponsabilidade e o diálogo inclusivo. A construção de relações fraternas e colaborativas, livres de hierarquias e privilégios, é essencial para uma Vida Religiosa comprometida com a justiça e a dignidade humana.

A renovação das estruturas é apresentada como um desafio fundamental para responder à realidade atual a partir do Evangelho e dos nossos próprios carismas. A fidelidade criativa e a abertura à mudança são pilares neste processo, que exige a participação ativa de todas as expressões da Vida Religiosa. A flexibilização dos estilos e costumes comunitários, bem como a legislação de mudanças estruturais que promovam a participação de todos os membros, são passos para uma Vida Religiosa mais sinodal e missionária.

Reconhecemos, uma vez mais, que a Vida Religiosa se encontra num momento crucial da sua história, onde a escuta, o discernimento e a conversão são os pilares para a renovação da sua missão e das suas estruturas. O desafio é grande, mas a confiança na orientação do Espírito e o compromisso com a justiça e a fraternidade guiarão o caminho para uma Igreja Sinodal em Missão.

1 Missão e Conversão Pastoral

A Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosas e Religiosos reúne uma grande diversidade de carismas que o Espírito suscitou para que o Santo Povo Fiel de Deus, do qual faz parte, viva a plenitude da sua dignidade batismal.

Para apoiar o caminho rumo a uma Igreja Sinodal em Missão, afirma a sua participação neste processo, dinamizando, recriando e partilhando as práticas sinodais que são constitutivas da sua riqueza carismática e se exprimem nas suas estruturas congregacionais e serviços pastorais.

Promove e favorece espaços de silêncio e escuta, buscando discernir os sussurros do Espírito nos sinais dos tempos. Reconhece quando favorece espaços de escuta e discernimento para entrar em processos de conversão, desejando ser sempre mais sentinela dos caminhos do Espírito centrados na Palavra e comprometendo-se, no ministério pastoral, com o cuidado da vida em todas as suas expressões.

É um grande testemunho a presença solidária da Vida Religiosa, particularmente a das mulheres nas periferias, bem como o seu compromisso com o respeito à dignidade humana e à criação. Também quando fazem parte de redes intercongregacionais e leigas onde suas tendas são ampliadas, os gritos de tantas ofensas aos direitos humanos são ouvidos e as populações marginalizadas e excluídas são atendidas com alegria e esperança.

Os pontos fortes da Vida Religiosa na América Latina e no Caribe são o seu compromisso com a sinodalidade, a missão atenta aos beneficiários, compartilhando suas necessidades, a profundidade espiritual e o compromisso com os mais desfavorecidos, a diversidade de expressões espirituais, sororais/fraternas e pastorais e os espaços para a escuta e o discernimento comunitário.

Aspectos que reconhece como desafios a trabalhar

Consciente de suas fraquezas e limitações, reconhece que seu compromisso com os processos de autoconhecimento, desenvolvimento humano e crescimento espiritual não tem sido suficiente, dificultando o crescimento em humildade e a criação de espaços mais explícitos de escuta, conversão e discernimento com a participação de todos. Por isso, reconhece a necessidade de avaliar e transformar seus planos de formação inicial e permanente que têm como horizonte o que Deus espera da Igreja neste terceiro milênio.

Aprofundar a confiança em Deus diante do medo devido à incerteza das situações atuais em que vivemos: velhice; diminuição das vocações; encargos institucionais, desconfiança e receios em relação aos jovens, aos leigos e a outros assuntos sociais e eclesiais em que o Espírito também se revela. Os desafios das tecnologias emergentes e seu impacto sobre as novas gerações.

A polarização que também afeta a Vida Religiosa e separa, confronta e acentua o exercício da autoridade centralizada em uma pessoa ou em um pequeno grupo, sem considerar os demais. O contágio de alguns aspectos do clericalismo que diminuem os carismas da Vida Religiosa.

O tratamento inadequado de casos de abuso sexual que não faz justiça às vítimas, o controle da consciência, o poder e a má administração de recursos financeiros que exigem transparência.

O compromisso com os processos de conversão exige atenção ao crescimento humano e espiritual que vá conduzindo à integração do eu profundo. A atitude cristã básica é ouvir, e sua expressão existencial é precisamente a conversão contínua que é exigida pelos sussurros do Espírito em resposta aos sinais dos tempos.

Os pontos fracos incluem dificuldades para ouvir, adaptar-se e colaborar com outros atores eclesiais e sociais; estruturas rígidas e centralizadas que dificultam a vivência do carisma e o compromisso das novas gerações; falta de maturidade que se reflete em vínculos infantis; ativismo excessivo e, ocasionalmente, abusos que afetam a credibilidade da Igreja; resistência ao trabalho conjunto, especialmente por parte das conferências episcopais, que subestimam ou marginalizam a Vida Religiosa na tomada de decisões, com o clericalismo persistindo nas estruturas de animação e de governo; pouco tempo para a oração e para cultivar a humildade e o autoconhecimento necessários para um diálogo profundo; e resistência ao processo sinodal por parte de alguns líderes da Igreja, refletindo a oposição à mudança e à abertura propostas pelo Papa Francisco.

Caminhos de conversão, caminhos a percorrer

Priorizar a centralidade da **escuta**, do **silêncio** e da **distância** necessária para **discernir** a Palavra de Deus, a do Povo de Deus que é infalível em sua fé e a da realidade, que favorece os processos de **conversão**.

Escutar os gemidos do Espírito nos povos e na terra em atitude sinodal, imaginando e realizando ações que respondam às situações de precariedade. Repensar e recriar a formação inicial e permanente, favorecendo a maturidade humana e cristã.

Abrir espaços para estudos interdisciplinares em geral e estudos teológicos em particular, promovendo particularmente a das religiosas e leigas. Fortalecer a missão de ir às periferias existenciais como cúmplices do Espírito, em uma atitude de **humildade**.

Recriar as relações no horizonte da comunhão e da missão a partir do encontro com Jesus, na experiência da amizade: “Já não vos chamo servos, mas amigos, porque ninguém tem maior amor do que quem dá a vida por suas amigas e amigos” (cf. Jo 15,13.15).

Engajar-se ativamente na transformação das estruturas e na mudança de mentalidades que nos permitam abrir-nos à novidade do Espírito que reconfigura nossas comunidades e congregações, nos torna inclusivos das diversidades e recria a vitalidade missionária na sintonia sinodal.

Como caminhos de conversão e renovação, são propostos os seguintes: retornar à centralidade da missão; crescer na maturidade humana por meio de uma formação inicial e permanente que elimine o clericalismo e cultive a maturidade espiritual; entrar em processos profundos de escuta e silêncio, baseados na referência ao Deus de Jesus; recuperar os tempos comunitários e de encontro para fortalecer a comunhão, a amizade e a missão; abrir espaço para novas estruturas que favoreçam a escuta e gerem processos de reconfiguração;

promover uma formação que integre as dimensões humana e espiritual; curar relacionamentos e fomentar comunidades saudáveis; criar espaços seguros para o diálogo e a autoanálise; aumentar o compromisso de ouvir a realidade e fortalecer a sinodalidade a partir das bases; superar medos e resistências à mudança; promover a intercongregacionalidade e adaptar-se às novas realidades tecnológicas e sociais.

2 Obediência e Modelos Relacionais

A obediência como relacionamento é um caminho de salvação. Ela exige um aprofundamento da obediência como um relacionamento profundo e não apenas como um ato de submissão. Essa interação transcendente pode ser analisada de várias perspectivas: científica, psicológica, teológica e antropológica.

Ao reconhecermos as diversas manifestações de Deus em nosso ambiente, aprimoramos a nossa capacidade de ouvir. De acordo com essa abordagem, a salvação é encontrada em um relacionamento autêntico com Deus e com os demais. É um processo de redenção mútua, pois “fora do relacionamento não há salvação”. No relacionamento com as outras pessoas nos tornamos contemplativos, transcendendo a mera interação para entrar no mistério delas. As palavras de Joseph Ratzinger, “Deus só é Pai quando é nosso”, enfatizam a importância desse relacionamento pessoal.

Como podemos ouvir e obedecer a Deus, a quem não vemos, se não ouvirmos e obedecermos aos nossos irmãos e irmãs que vemos? A resposta está na prática concreta, na identificação de situações cotidianas como apelos para ouvir e obedecer a Deus nos outros. Em cada relacionamento e em cada encontro, a obediência se revela como uma resposta amorosa ao chamado divino.

Ser “uma Igreja sinodal em missão” requer – entre outras coisas – um reexame dos modelos relacionais e das práticas de obediência mútua que experimentamos em nossa caminhada como vida religiosa na Igreja e para o mundo. Nossa vida consagrada faz sentido do ponto de vista da obediência a Deus, o fundamento, o significado e o fim de tudo quanto existe. Como religiosas/os, somos chamadas/os a ser uma transparência do seu amor irrevogável por todas as criaturas, especialmente as mais vulneráveis e vulneradas. Portanto, devemos estar sempre à escuta (ob-audire) de sua Palavra para discernir a sua vontade aqui e agora. A partir dessas premissas e levando em conta nossas realidades concretas, acreditamos que é necessário, e propomos:

- Re-cordar que o modelo de relacionamento e obediência por excelência é o Mistério Trinitário, em que cada pessoa se esvazia de si mesma para dar lugar à outra, mantendo o que é específico e “intransferível”; a obediência mútua se traduz em sair de si mesmo para se colocar no lugar da/do outra/o, para estar com a/o outra/o a partir do lugar da/do outra/o (perichoresis) em um plano de igualdade essencial.
- Voltar a focalizar nosso olhar em Jesus Cristo como modelo de autoridade concebido, antes de tudo, como serviço.
- Cultivar uma atitude teológica sincera em relação à vida: fé (acreditar que Deus fala na mediação que é meu irmão e minha irmã); esperança (perseverar nessa expectativa confiante do Deus que se revela), e caridade (onde nos ouvir sem preconceitos pode ser o maior ato de caridade).
- Revisar o conceito de obediência além do disciplinar e formal para focar na escuta mútua (ob-audire) uns dos outros e do Outro.
- Conscientizar-nos de que as relações constituem o DNA de nosso estilo de vida (“fora do relacionamento não há salvação”).
- Trabalhar nos diversos paradigmas evidentes de compreensão da VRC, em grande parte decorrentes das diferentes sensibilidades resultantes de questões interculturais e intergeracionais.

- Superar os modelos de vida comunitária concebidos a partir de relações assimétricas e piramidais que impedem relações mais horizontais e soro-fraternas.
- Revisar os processos de tomada de decisões para evitar conflitos desnecessários.
- Respeitar o mistério da outra pessoa em sua riqueza e também em sua fragilidade, assumindo com serenidade que o conflito faz parte da vida.
- Saber nomear com humildade muitas atitudes que prejudicam nossa vida comunitária e dificultam nosso ob-audire mútuo: preconceitos, narcisismos, feridas não cicatrizadas, ressentimentos, exclusões, individualismos, autorreferencialidades, lutas pelo poder, polarizações, invisibilizações, protagonismos, evasões diversas, ativismos, negociações implícitas para evitar conflitos, arrogância, autoritarismos, fadigas não trabalhadas que levam a problemas de saúde mental, e falta de transparência.
- Promover espaços comunitários para ouvir e discernir, como momentos de oração em comum, conversas no Espírito, celebrações de reconciliação, etc.
- Recorrer à ajuda externa para a resolução de conflitos.
- Promover a liderança participativa como artesãos do cuidado.
- Praticar a leitura dos sinais dos tempos a fim de “desvelar” o Deus que se revela na história, particularmente no clamor dos pobres e no grito da Terra.
- Elaborar (e revisar) os projetos comunitários.

Entre as contribuições das Conferências Nacionais, a síntese da ETAP (Equipe de Assessores Teológicos da Presidência) e o aprofundamento da 49ª Junta Diretiva da CLAR, são propostas várias estratégias para fortalecer as relações fraternas e alcançar a obediência a Deus. Essas estratégias estão baseadas na fé, na escuta da Palavra de Deus e na contemplação das relações a partir de uma perspectiva evangélica. Algumas das chaves são o discernimento comunitário, a criação de espaços de qualidade, o compartilhamento de histórias, a compaixão, o trabalho conjunto, a resolução de conflitos, a escuta ativa, o cuidado mútuo, o acompanhamento, o crescimento comunitário, a oração compartilhada, a revisão diária, a aceitação das limitações, o cultivo de uma fé integral, a busca da palavra de Deus nos pobres e nas lutas diárias, o bom tratamento, o discernimento na tomada de decisões e a abertura à voz do Espírito.

3 Formação para a Svinodalidade

Está claro que são necessárias transformações urgentes e ousadas nos processos de formação: assegurar processos claros de discernimento ao ingressar na Vida Religiosa; fortalecer o conhecimento da vida de Jesus e do processo de discipulado; atualizar os planos de formação em todas as etapas e níveis; promover a formação baseada em experiências missionárias e carismáticas, e em relações que fomentem a criatividade; implementar processos de formação em equipes compartilhadas, com modelos mais horizontais e comunitários; formar a partir da vida cotidiana e em comunhão com a realidade sofredora; personalizar a formação e preparar formadores solidificados que acompanhem cada pessoa em seus processos; manter uma perspectiva crítica e construtiva na revisão das estruturas e modelos de formação; incorporar a cultura do cuidado em todos os níveis de formação; valorizar e fortalecer os dons pessoais e a diversidade cultural dos formandos; formar em colaboração, trabalho em equipe e participação, evitando o clericalismo.

O que deve ser **TRANSFORMADO** em nossos processos de formação?

- Precisamos manter um olhar crítico e construtivo sobre nossa proposta formativa para que ela **seja renovada e ordenada na direção da sinodalidade**. E, nesse sentido, é necessário revisar a visão que fundamenta nossos modelos e estruturas formativas, realizando as mudanças necessárias para **que ela corresponda à eclesiologia do Povo de Deus**.
- Uma formação sinodal não se concentra apenas nas pessoas dos formadores, mas nas **equipes e comunidades de formação**. Ter em mente que a experiência de vida compartilhada na vida cotidiana e na realidade do sofrimento é fundamental na formação.
- Dedicar tempo para uma reflexão mais profunda sobre a **formação de acordo com os novos tempos**, integrando pessoas competentes de diferentes áreas.
- Será necessário que a elaboração do plano de **formação seja uma construção conjunta e discernida em conjunto**, com a participação de formadores e formandos.
- Deverão existir espaços de formação em conexão com outras pessoas, privilegiando o “inter”: interculturalidade, interdisciplinaridade e intercongregacionalidade.
- Também **precisamos formar para a liberdade e a responsabilidade**. Portanto, é necessário revisar e superar os modelos e estilos formativos centrados no normativo, no disciplinar e nas decisões da autoridade. Tudo isso leva a dinâmicas de infantilismo, dependência e rigorismo.
- **Acolher a diversidade dos jovens**. Devem ser estabelecidos critérios claros de idoneidade. É melhor ter falta de vocações do que deixar entrar aqueles que não têm vocação: “Aqueles que estão onde não deveriam estar não deixam entrar aqueles que deveriam estar”.
- **Incorporar resolutamente a cultura do cuidado** nos formadores e em todas as nossas comunidades: cuidar da casa comum, dos outros e de si mesmo. É necessário revisar as relações de autoridade/obediência. É necessário trabalhar na prevenção do abuso de poder, de consciência e sexual.
- Sinodalidade significa **integrar a contribuição** feminina na formação dos homens, bem como a contribuição masculina na formação das mulheres.

Assim, a formação na Vida Religiosa em chave de Sinodalidade envolve: treinamento no discernimento para reconhecer a vontade de Deus na vida cotidiana e nos sinais dos tempos;

opção preferencial pelos pobres e cultivo da humildade; reconhecimento e aceitação da própria vulnerabilidade; possibilidade de adaptação e flexibilidade com mente aberta; fomento da fraternidade como relação cristã por excelência, com serviço sempre voltado para a comunidade e para as irmãs e os irmãos; integralidade na formação, abrangendo aspectos espirituais, afetivos e pastorais; fomentar a pastoral da conversação, onde se escuta e se entende com o coração; assumir modelos formativos sinodais, com uma visão eclesiológica atualizada; construção conjunta do plano de formação, caminhando juntos em um processo permanente e eclesial.

Quais são os pontos **IRRENUNCIÁVEIS** da formação na sinodalidade?

- Trabalhar na maturidade da pessoa a partir de uma **perspectiva processual integral** centrada no seguimento de Jesus. Personalizar o acompanhamento, abordando processos de crescimento humano, comunitário, e sobretudo pastoral cristão.
- **Formar para uma autonomia referenciada**, que favoreça processos de pessoas com capacidade de assumir, crescer, renunciar e caminhar junto com os outros.
- Que nos processos formativos sejamos capazes de **reconhecer, valorizar e fortalecer** os dons pessoais, as idiossincrasias e a **diversidade** cultural dos formandos.
- Favorecer uma **eclesiologia do Povo de Deus na dinâmica formativa**, e que isso seja explicitado de forma experiencial. Contar com recursos de formação teológica para aprofundar o significado da categoria Povo de Deus e ajudar a integrar-se e reconhecer-se como parte desse Povo de Deus no caminho.
- Discernir a vida e a missão a partir da clareza de que a Vida Religiosa pertence a Deus, à Igreja e ao mundo (não ao clero).
- Os carismas estão a serviço da Igreja. Daí a importância de **recuperar as características do carisma que evocam o sinodal**, bem como **reler os elementos essenciais do carisma a partir de uma perspectiva sinodal**.
- Que os formandos não se isolem ou se desconectem dos clamores da vida real, dos contextos sociais e dos processos da Igreja; que saibam e se sintam **protagonistas a construção eclesial**.
- Homens e mulheres consagradas/os que desenvolvem uma vida no Espírito e, como Jesus, cultivam um relacionamento íntimo com Deus e aprendem a **discernir** onde e como Deus se manifesta na vida, na história e nas situações da realidade, especialmente nas periferias.
- **Opção pelos e com os pobres**. Escolha de casas de formação que sejam pobres e próximas aos pobres. Proximidade com o mundo dos pobres, que tanto nos ensinam.
- Abrir mais espaços de formação acadêmica para as **mulheres** na RV e integrar as mulheres na **formação dos varões**.
- Que a formação para a sinodalidade seja apoiada por um **testemunho coerente** das irmãs e irmãos mais idosos, entendendo que todas as **comunidades** influenciam os processos de formação. Que os formandos possam ver que, nas comunidades de sua congregação, o que lhes é ensinado é vivido. Os vínculos entre irmãs e irmãos em uma comunidade, em uma província, formam ou deformam.

A formação sinodal integral abrange a cultura do cuidado e da interdisciplinaridade, mesclando o intercongregacional, o intercultural e o interdisciplinar. Ela se concentra no equilíbrio entre autonomia e relacionamento, preparando para a realidade e para o serviço com liderança intencional. Enfatiza o protagonismo da pessoa e da comunidade, seguindo o exemplo de Jesus e assumindo situações de sofrimento e marginalização. Promove uma profunda experiência

espiritual, abordando a afetividade e a sexualidade pessoal. Prioriza a escuta e a formação permanente dos formadores, nutrindo a maturidade integral a partir da fé. Concentra-se em itinerários mistagógicos, discernimento e proximidade com as necessidades dos marginalizados, promovendo estruturas sinodais e a participação feminina.

Em que deveríamos nos **FOCAR** na formação para tornar possível uma VRC sinodal em missão?

- Para tornar possível uma VRC sinodal na missão, antes de tudo, é preciso enfatizar que **formamos para a missão da Igreja**, e não para o benefício de um Instituto ou para a realização pessoal.
- **Formar para a missão**. Daí a necessidade de que a formação seja encarnada e próxima de situações de sofrimento e marginalização.
- **Formar no encontro**, no sentido de comunidade, a partir da experiência de doação, de reciprocidade, de compartilhamento e de bom tratamento.
- **Promover relações** circulares, inclusivas e abertas.
- **Formar na colaboração**, no trabalho de equipe, na conversação, na participação, sabendo delegar, com senso eclesial, banindo atitudes que levam ao clericalismo; **sabendo que somos parte do Povo de Deus** e que não estamos acima ou à margem dele. Aprender a caminhar juntos em todos os aspectos: decisões, discernimento, projetos.
- **Capacitar para o discernimento pessoal**, comunitário e pastoral como mediação indispensável do caminho formativo em chave sinodal.
- **Capacitar para a adaptação** a novas circunstâncias e mentalidades, a trabalhar e **tomar decisões em equipe**.
- **Abrir-nos ao mundo das novas gerações**: procurar entendê-las.
- É importante praticar a **intercongregacionalidade**. Os diferentes carismas devem ser conhecidos e combinados com o seu próprio.

4 Exercício da Autoridade

Exercer autoridade no estilo de Jesus implica capacitar, confiar e acompanhar os irmãos e irmãs em sua missão, motivando e orientando com assertividade no caminho para a fraternidade-sororidade. A autoridade de Jesus emana da escuta e da obediência à vontade do Pai. Portanto, ele encarna uma liderança que se distingue por seu pastoreio próximo, sua disposição para aprender e sua capacidade de se deixar tocar e mudar por aqueles que encontra ao longo do caminho. Sua autoridade baseia-se no serviço, expresso na humildade, na dedicação e na busca pelo bem-estar dos demais. Nesse sentido, o exercício da autoridade deve refletir os sentimentos de Jesus, priorizando a proximidade e o cuidado com a comunidade, promovendo a corresponsabilidade e o pensamento crítico. Essa autoridade é praticada em um espírito de comunhão, participação e inclusão, por meio da escuta compassiva e da promoção da justiça restaurativa, que constrói o Reino de Deus.

Estabelecer relacionamentos no estilo de Jesus significa criar novas dinâmicas comunitárias que sejam inclusivas e dignificantes, onde cada pessoa encontre seu lugar à mesa, o lugar do bem comum, mesmo que isso implique desafios de conversão e corresponsabilidade. A coerência entre palavras, ações e experiências é fundamental para construir credibilidade ética e transparência, fomentando assim a confiança nos processos comunitários e nos vínculos libertadores. Praticar a humildade e cultivar uma atitude de aprendizado constante são essenciais para abandonar a autorreferencialidade e adotar uma visão mais compassiva e aberta. Além disso, desenvolver uma escuta ativa e acolhedora da diversidade ajuda a valorizar a riqueza da intergeracionalidade e da interculturalidade, fortalecendo os vínculos comunitários que promovem uma convivência harmoniosa e enriquecedora, materializada na missão.

A transição de um modelo hierárquico para um modelo mais circular ou poliédrico exige maturidade individual e comunitária, reflexão crítica e compromisso pessoal. A conversão integral é fundamental para deixar para trás formas arraigadas de autoridade e abrir-se para novos relacionamentos e liderança que promovam a colaboração e a inclusão.

Portanto, é urgente repensar a formação para a liderança sinodal e participativa desde a formação inicial. Isso implica uma profunda revisão dos estilos formativos enraizados em nossas congregações, a fim de erradicar qualquer vestígio de infantilismo, verticalismo linguístico, clericalismo ou dinâmica de abuso. Além disso, a formação permanente para aqueles que exercem autoridade deve ser revitalizada, oferecendo-lhes ferramentas para coordenar de forma responsável, eficaz e em sintonia com o espírito do Evangelho, promovendo assim o discernimento comunitário para gerar processos. Também é essencial descentralizar o poder e explorar modelos mais colaborativos de governo, em que a autoridade é compartilhada e se promova a corresponsabilidade.

Na liderança compartilhada, as capacidades individuais devem ser valorizadas para capacitar em prol da missão, tomando decisões em conjunto quando seja apropriado. Também é fundamental que cada indivíduo pratique o diálogo assertivo, incentivando o intercâmbio construtivo e aberto com aqueles que ocupam cargos de autoridade, em vez de recorrer a críticas pelas costas, o que pode isolar e impedir a coordenação eficaz. Nesse sentido, é fundamental na formação de homens e mulheres erradicar o clericalismo em suas raízes. Enquanto os homens são ajudados a superar seu autoritarismo inerente, as mulheres são

ajudadas a estabelecer relações de igualdade. O clericalismo, enraizado na herança da cultura, requer uma leitura crítica e uma mudança de mentalidade para ser erradicado. Chegou a hora de abandonar linguagens e práticas que perpetuam hierarquias e privilégios, destruindo a fraternidade.

Da mesma forma, é essencial construir uma cultura de diálogo tanto nas comunidades quanto nos institutos, o que implica ouvir ativamente as pessoas, valorizar suas perspectivas e experiências e integrá-las à vida comunitária. Também é necessário estar atento à voz do Espírito, seguindo seus estímulos, e ouvir atentamente as realidades sociais e os clamores da casa comum. É necessário promover uma atmosfera serena nas comunidades, um espaço de liberdade, afeto e profecia, facilitando a renovação mútua e a aceitação da diversidade. Dessa forma, os conflitos podem ser tratados de forma construtiva, evitando o silêncio, a dissimulação ou a evasão, e optando por expressar opiniões com franqueza para resolver os problemas de forma colaborativa, sem impor critérios unilaterais.

Formar-se em um estilo de vida de acordo com os princípios do Evangelho envolve a prática da conversação no Espírito, reconhecendo os outros como irmãos e irmãs na caminhada da vida. Os encontros inter-religiosos e diocesanos devem ser incentivados para promover uma nova cultura de liderança colaborativa, deixando para trás a linguagem e as práticas que perpetuam hierarquias e privilégios indevidos. Isso ajudaria a construir relacionamentos equitativos, inclusivos e colaborativos em favor da missão.

É essencial reconhecer que somos servidores, não senhores, compreendendo claramente nosso papel e nossa missão na comunidade eclesial. Para isso, devemos ouvir atentamente a Palavra de Deus e a realidade, discernindo juntos a vontade de Deus, que se expressa na realidade dos sinais dos tempos. A adoção de novos modelos eclesiais baseados na dimensão batismal e na sinodalidade, que promovem a participação de todos e a tomada de decisões consensuais e arriscadas, é essencial para facilitar a conversão integral e a inclusão de todos os membros. Refletir sobre as dinâmicas atuais que dificultam esse processo abre nossos sentidos para criar espaços abertos, respeitosos e empáticos. Superar preconceitos e rótulos por meio de um diálogo profundo e honesto e treinar-nos em um estilo de autoridade que promova o diálogo e a inclusão em todos os níveis da comunidade eclesial são passos fundamentais na construção de um ambiente acolhedor em que todos se sintam valorizados em sua missão e contribuam para o crescimento e a renovação da comunidade.

É essencial que a comunidade entre na dinâmica da sinodalidade, interagindo e se comprometendo. Ela deve reconhecer que a dignidade intrínseca de cada pessoa é a base da igualdade. É indispensável permitir que o Espírito molde o ser, o fazer e as formas de relacionamento, em uma atitude de aprendizado contínuo.

Abrir-nos a um novo estilo sinodal e construí-lo em conjunto implica uma disposição ativa para desaprender e adotar uma liderança mais próxima, compreensiva e disponível, de acordo com o exemplo de Jesus. É essencial fomentar a confiança para delegar responsabilidades e valorizar os dons de cada membro da comunidade, identificando e formando novos líderes para promover dinâmicas colaborativas e evangélicas que gerem inovação e superem o status quo. O exercício da autoridade deve ser entendido como um serviço temporário, exercido com responsabilidade e respeito pela vulnerabilidade dos demais, cultivando a humildade e evitando qualquer forma de superioridade ou abuso. É essencial promover relações de paridade em vez de domínio e dependência, reconhecendo a autoridade como um dom a serviço

da comunidade. Acreditar nesse modelo de autoridade, praticá-lo e promover espaços para aprender a vivê-lo autenticamente são pilares fundamentais para uma vida religiosa comprometida com a defesa dos pobres e da Casa Comum.

Buscar ativamente a renovação de estruturas e serviços na Vida Religiosa que impedem a promoção de comunidades inclusivas e equitativas. Queremos nos comprometer a revisar métodos e estruturas ultrapassados que não respondem mais às necessidades de mudança de nossa comunidade, missão e mundo de hoje. Reconhecemos e valorizamos a autoridade daqueles que foram injustamente destituídos de poder. Todos os membros das comunidades, províncias ou congregações devem trabalhar juntos para promover e tornar efetivos os mecanismos de diálogo e participação próprios da Vida Religiosa, que são um caminho há muito estabelecido para nós. É necessário denunciar e renunciar a tudo o que é desarmônico com a liderança sinodal e cultivar todos os modos relacionais que se abrem à vida plena, ao bom viver, a outros mundos possíveis que se articulam com o Reino de Deus.

5 Renovação das Estruturas

Consideramos que a reforma das estruturas é uma função de resposta à realidade atual com base no Evangelho e em nossos carismas, com o objetivo de ser uma Igreja em saída. O Espírito nos convida a estar sempre a caminho e com as sandálias calçadas, e não a nos acomodarmos. Devemos nos lembrar sempre de que nossas obras e estruturas estão a serviço não de nós mesmos, mas das pessoas, dos necessitados, dos demais. O horizonte da missão deve definir o ritmo da flexibilidade e da transformação estrutural.

Como Vida Religiosa, uma chave fundamental para nós continua sendo a fidelidade criativa. Somos convidadas/os a contemplar e retornar às nossas raízes congregacionais e, a partir do discernimento, responder criativamente aos desafios de hoje, superando o medo do risco. Avançar nos processos de fidelidade criativa, da memória das fundadoras e dos fundadores em sua capacidade de imaginar novas estruturas, implica reler nossos carismas como uma possibilidade de caminhar em direção a uma Vida Religiosa mais sinodal e missionária.

Entendemos também que essas mudanças só podem ser feitas em comunidade; elas exigem a participação de todos, discernimento comunitário, escuta e diálogo. Sabemos também que uma condição indispensável para nos abirmos à reforma das estruturas é renovar em nós uma experiência de Deus que nos traga de volta à liberdade, à capacidade de assumir riscos, de desfrutar de pequenos passos, de abrir mão da segurança, de nos entregarmos com audácia.

A mudança estrutural exige uma conversão que começa nas profundezas e abrange a mente, o coração, a vontade e a ação. Somos provocados a olhar mais uma vez para Jesus, que nos repete que “vinho novo requer odres novos”, e que nos fala do escriba que, tendo se tornado discípulo do Reino dos Céus, é como um dono de casa que tira do seu depósito o novo e o velho.

Em meio às incertezas e à complexidade desses processos de mudança, temos a certeza de que o Espírito está nos acompanhando. Isso torna possível assumir riscos com a confiança de que o Espírito está nos guiando e abrindo caminhos para respondermos à realidade. As palavras de Jesus "não tenham medo", tornam-se uma fonte de consolo e incentivo para enfrentarmos esse desafio.

Em face da renovação das estruturas, esses são movimentos e atitudes para os quais nos sentimos convidados como Vida Religiosa e como Igreja:

- Avançar com transparência e audácia evangélica nos processos de revisão de nossas obras e nas provas de mudanças na forma de administrar e viver a missão e de nos organizarmos comunitária e institucionalmente, colocando a missão e o trabalho com as outras pessoas no centro.
- Fortalecer a consciência de que tudo deve estar a serviço da missão. Para isso, precisamos ter clareza sobre um projeto comum orientado para a missão, tanto em nível pessoal quanto nos comunitários e institucionais.
- Flexibilizar os estilos e costumes comunitários e pastorais que não nos permitem nos orientar de maneira sinodal e missionária, enfatizando o Reino e a mensagem de Jesus. Nesse sentido, revisar os horários de nossas comunidades, promovendo mais oração e menos reza, cultivando vínculos, fomentando o diálogo fraterno e recuperando a beleza de nossa própria vocação.

- Legislar mudanças nas estruturas que facilitem a participação de todo o povo de Deus nas eleições de todas as autoridades, inclusive eclesiásticas e da Vida Religiosa. Talvez seja necessário um forte impulso para provocar mudanças.
- Exercitar-nos na escuta das novas gerações da Vida Religiosa e no diálogo intergeracional. Dar maior confiança às novas gerações e não as sobrecarregar com tanto trabalho que não lhes permita crescer e empreender caminhos criativos.
- Respeitar os ritmos de fusão das províncias ou congregações.
- Revisar nossos planos de formação, projetos e práticas pastorais, formas de governo e organização, discernindo quais estruturas deixar para trás, quais reformar e quais novas criar.
- Avaliar nossos ritmos de vida e nossas maneiras de nos organizarmos, pois os ritmos acelerados muitas vezes nos impedem de nos encontrarmos conosco mesmos e com os demais.
- Buscar formas concretas de envolver os leigos no discernimento, na tomada de decisões, no planejamento e na implementação de nossa missão.
- Valorizar plenamente o papel e as contribuições das mulheres na vida religiosa e na Igreja como um todo.
- Aumentar as experiências de intercongregacionalidade e missão compartilhada com outros corpos eclesiais, superando o medo de perder carismas particulares.
- Herdar a tradição de nossos institutos como um ponto de partida, não como a última palavra. Ou seja, sermos gratos pelo que foi alcançado no passado, mas sabendo que isso não é o fim. Nutrir-se do passado para abrir novos caminhos.
- Recuperar os aspectos mais dinâmicos de nossos carismas como uma resposta à história, perguntando-nos “o que nossos fundadores fariam hoje”? Nossos carismas foram todos disruptivos. Se eles estão vivos hoje, devem continuar a ser disruptivos.
- Abrir-nos a novas formas de vida consagrada que apresentem outras estruturas.
- Dedicar tempo à oração discernida e a práticas de amor altruísta, reconhecendo o Crucificado nos mais pobres e vulneráveis, nas periferias existenciais, a fim de servi-los afetiva e eficazmente.
- Cultivar a esperança, dando passos para retornar à simplicidade da vida e à alegria do serviço, especialmente aos pobres.
- Nomear, dialogar e confrontar nossos medos de mudança a fim de superá-los, pois eles bloqueiam a criatividade e sufocam nosso próprio carisma.
- Perceber que é hora de perder o status, o clericalismo e os privilégios aos quais talvez nos tenhamos acostumado. Abrir-nos ao profetismo do desaprender. Conscientizar-nos de que o evangelho nos leva à humildade, à minoria, à pobreza, à nudez e à destituição de poder, sabendo que precisamos uns dos outros.
- Renovar nossa centralidade em Jesus e, a partir daí, viver a mística do cotidiano e a abertura para a mudança, lembrando-nos do chamado para sermos testemunhas da misericórdia de Deus em meio a um mundo quebrado.
- Dar passos para formar e conscientizar-nos para a mudança, lembrando que a renovação das estruturas é alcançada a partir do amor, gradualmente e com processos, não por imposição.

Tradução: Ir. Hugo Bruno Mombach, FSC
 Jornalista, tradutor e revisor de textos



Confederação Latino-Americana de Religiosos – CLAR
Calle 64 N° 10 - 45 piso 5 , Bogotá - Colombia
clar@clar.org | www.clar.org